



## SEÇÃO: RESENHA

# Identidade, branquitude e modernidade na obra de Barbara Weinstein

*Identity, Whiteness, and Modernity in Barbara Weinstein's Work*

João Gabriel Rabello  
Sodré<sup>1</sup>

[orcid.org/0000-0003-3821-1404](https://orcid.org/0000-0003-3821-1404)  
[jr1834@georgetown.edu](mailto:jr1834@georgetown.edu)

Recebido em: 1 ago. 2022.

Aprovado em: 9 ago. 2022.

Publicado em: 21 nov. 2022.

**Resumo:** Barbara Weinstein, em *A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista*, discute processos históricos pelos quais foi imaginada e formada a identidade paulista. Ao fazê-lo, Weinstein destaca dois grandes eventos: a Rebelião de 1932, muitas vezes aludida como uma "revolução" na historiografia local, bem como as comemorações dos 400 anos da capital paulista. O livro dialoga com grandes obras brasileiras, tanto em termos de historiografia do estado, quanto em termos de estudos sobre a formação de regiões. A autora destaca a relevância de imaginários baseados na imigração europeia, que buscavam diferenciar o estado das áreas "menos desenvolvidas" do Brasil e do vizinho Rio de Janeiro. Weinstein ilumina perspectivas revisionistas que reformularam os bandeirantes não como exploradores do povo e do interior, mas como ávidos colonos que teriam feito contribuições duradouras ao Estado, remontando tais imaginários a períodos que antecederam a consolidação da capital como centro econômico do país. Como seria de esperar de um trabalho histórico rigoroso, Weinstein também ressalta temas difíceis e intrigantes, como a participação de soldados negros nos eventos de 1932, bem como o papel das mulheres nos eventos da época.

**Palavras-chave:** identidade regional; história de São Paulo; raça e classe.

**Abstract:** Barbara Weinstein, in *A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista*, discusses historical processes through which an imagined identity of São Paulo was formed. In doing so, Weinstein underscores two major events: the 1932 Rebellion, often alluded to as a "revolution" in the local historiography, as well as the celebrations of the city's 400th anniversary. The book dialogues with major Brazilian works, both in terms of the historiography of the state, as well as other region-crafting cases. The author highlights the relevance of European immigration-based imaginaries, which sought to differentiate the state from "less developed" areas of Brazil and from neighboring Rio de Janeiro. Going back to revisionist perspectives that reshaped the Bandeirantes not as exploiters of people and the hinterland, but rather as avid settlers who would've made longlasting contributions to the state, Weinstein traces back these imaginaries to periods that preceded the capital's consolidation as the country's economic powerhouse. As one would expect from a rigorous historical work, Weinstein also underscores difficult and intriguing themes such as the participation of Black soldiers in the 1932 events, as well as the role of women at the time.

**Keywords:** regional identity; history of São Paulo; race and class.

WEINSTEIN, Barbara. *A Cor da Modernidade: A branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: EDUSP, 2022.

## Introdução

Esta resenha discute o livro *A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista*, de Barbara Weinstein, publicado em 2022 pela EDUSP. Trata-se de versão em português de obra origi-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Georgetown University (GU), Washington D.C., Estados Unidos.

nalmente publicada em inglês no ano de 2015. Weinstein é professora de história na New York University. Em seu livro, a autora trata de noções de modernidade de São Paulo, que se tornaram tão comuns em definições acerca do estado. Weinstein busca atrelar essa visão de um estado pujante a questões raciais, trazendo à tona a contemporaneidade entre eventos, como a Revolta de 1932, a noções eugênicas e pós-eugênicas (porém igualmente racializadas, como a ideia de "democracia racial"). Esse discurso de superioridade do estado está intrinsecamente ligado, de acordo com Weinstein, a uma imagem de um Brasil dividido entre um Norte/Nordeste menos desenvolvido e um Sul/Sudeste que alavanca seu crescimento, sendo São Paulo o núcleo desta última porção do país. Como já sinaliza a sua introdução, Weinstein pontua que a "a construção da identidade regional ('paulista') tem sido inseparável da [...] história de sucesso econômico de São Paulo", sendo também inseparável "de uma outra narrativa 'espetacular', de um tipo bem diverso: as representações da pobreza e do atraso do Nordeste" (WEINSTEIN, 2022, p. 24). Apesar de não ser única no mundo, a noção de superioridade regional, discutida por Gramsci no caso da Itália, tem contornos distintos no caso paulista. A capital paulista teve uma grande emergência, passando de pequena cidade a metrópole em algumas décadas, além de ter sido ponto nodal de uma política migratória embranquecedora que privilegiou a mobilidade de europeus brancos ao Brasil.

Buscando examinar a construção da identidade paulista e seu desenvolvimento a partir de um desmerecimento racializado de outras regiões, Weinstein dedica boa parte do livro a dois eventos históricos: a Revolta de 1932 e a Comemoração do Quarto Centenário da fundação da cidade de São Paulo (1954). A autora também tece comentários sobre o vigésimo-quinto aniversário da revolta, comemorado em 1957. Esta resenha traçará pontos relevantes do livro, sobretudo acerca dos capítulos um, quatro, cinco, seis e oito, enfatizando a relevância da obra no contexto acadêmico.

## Visão geral: a identidade paulista sob vários ângulos

A introdução de Weinstein toca nesses aspectos, mas também traz uma discussão historiográfica. A autora sublinha as contribuições de brasilianistas na década de 1970 sobre políticas regionais particularmente durante a República Velha, que todavia não deixaram de enfatizar o poder centralizador do Estado (Weinstein cita especificamente Joseph Love, John Wirth e Linda Lewin). Já nas décadas de 1980 e 1990, Weinstein pontua a influência da economia política neomarxista e da nova história social, que iluminaram o debate acadêmico ao sugerir que a história regional não era desconectada das histórias nacional e mundial, rejeitando, também, noções positivistas de regiões como categorias preestabelecidas (WEINSTEIN, 2022, p. 32-33). Weinstein argumenta que, ainda assim, algumas dessas perspectivas ainda se filiavam a uma distinção rígida entre região e nação, a qual seu trabalho busca rechaçar. Seu livro enfatiza como "o discurso regional formou a base para um projeto nacional que implicava uma hierarquia de regiões," colocando São Paulo como ponto central do país (WEINSTEIN, 2022, p. 34). Essa discussão, por seu turno, também exige um entendimento da visão de São Paulo sobre outras localidades e vice-versa. Weinstein destaca, por exemplo, como um certo Rio de Janeiro era atraente, mas aquele de influência africana nem tanto – que o diga um artigo do *Estadão* que associou manifestações da negritude carioca a uma espécie de "regressão social" (WEINSTEIN, 2022, p. 49-50). Weinstein reconhece que o embrião do discurso federalista anticentro político já estava presente na segunda metade do século XIX, pontuando sua precedência ao crescimento pujante de São Paulo. A autora cita, como motivadores desses debates, os desafios da monarquia diante da expansão de províncias como São Paulo e Pará, bem como os impactos da Guerra do Paraguai, o processo de enfraquecimento da escravidão, dentre outros fatores (WEINSTEIN, 2022, p. 71-72). Como datam de períodos anteriores à emergência paulista enquanto poder econômico central,

esses discursos de regionalização, argumenta Weinstein, não são *consequência* desta, tendo, em verdade, servido de *estímulo* à formação de uma identidade regional (WEINSTEIN, 2022, p. 74).

O primeiro capítulo (WEINSTEIN, 2022, p. 65-132) trata de questões econômicas, o papel da imprensa, descrições de visitantes, além de outros aspectos que contribuíram para a formação de um imaginário de São Paulo como o novo centro econômico brasileiro. Essa seção do livro também se dedica à reconstrução do bandeirante como símbolo representativo dessa força do estado, enquanto figura importante que passa a representar essa suposta singularidade paulista. Para tanto, houve um processo de reabilitação desse personagem histórico, pelo qual elites paulistas buscaram atenuar dois aspectos principais: um aspecto racial, uma vez que muitos bandeirantes não eram brancos, bem como o relacionamento entre bandeirantes e a escravidão (captura de indígenas para escravidão, por exemplo) (WEINSTEIN, 2022, p. 83-84). Esse processo também envolveu a própria produção acadêmica. A autora sublinha como os bandeirólogos buscaram reconstruir, de forma meticulosa e atenta a fontes primárias, o cotidiano bandeirante (WEINSTEIN, 2022, p. 84-85). Em que pese esses trabalhos tenham o seu mérito, Weinstein crê que eles também tenham contribuído para reimaginar os bandeirantes como figuras sóbrias, leais e virtuosas (WEINSTEIN, 2022, p. 85). Quanto à escravidão, também se diminuiu sua relevância. Em outras palavras, houve uma atenuação dos vínculos com prática degradantes e um embranquecimento do bandeirante, como se sua própria miscigenação fosse apenas algo transitório. Weinstein cita exemplos da cultura material, notadamente estátuas instaladas no Museu Paulista (1922) e uma pintura de Benedito Calixto de 1903.

O capítulo supramencionado é relevante diante das discussões contemporâneas sobre a ocupação de espaços públicos por estátuas de figuras históricas questionáveis, muitas vezes colocadas em praças e outros logradouros muito tempo após o período histórico em que existiram. Ana Lucia Araújo (2012) discute, por exemplo, a per-

manência de estátuas honrando traficantes de pessoas escravizadas em locais como Salvador. A autora discute o caso de Joaquim Pereira Marinho (1816-1887), cujo itinerário escravagista incluiu também portos no Rio Grande do Sul e em Angola. Em paralelo a essas ações, Marinho foi admitido na Santa Casa de Misericórdia em 1847. Ações como esta buscaram associá-lo a uma imagem de benfeitor, que por sua vez, eventualmente, motivou uma homenagem, através da inauguração de uma estátua na capital baiana em 1893 (anos após sua morte). Outras fontes também relacionam o antigo mercador de escravos a uma figura benevolente. A autora demonstra como a permanência de uma estátua do tipo em praça pública, a qual poderia estar em um museu com a devida contextualização histórica, contrasta com esforços para discutir a herança da escravidão no Brasil e além deste. Essa discussão, por sua vez, também ocorre em outras partes do Brasil.

Retornando a uma análise do livro, o papel das mulheres na Revolução de 1932 é abordado no quarto capítulo (WEINSTEIN, 2022, p. 291-342). Aqui Weinstein traça os perfis de mulheres que participaram nos eventos de 1932. De acordo com a autora, houve ao menos três tipos: mulheres que participaram indiretamente, como enfermeiras; mulheres que participaram como combatentes improvisadas, percebidas como "versões atualizadas dos feitos das mulheres sob pressão no tempo dos bandeirantes"; e mulheres que adotaram trajes masculinos e partiram para as frentes de batalha (WEINSTEIN, 2022, p. 318-322). Ainda que tenha havido uma diversidade de papéis exercidos por mulheres à época, Weinstein sublinha uma certa dificuldade em retratá-las em posições supostamente "viris" (WEINSTEIN, 2022, p. 326). Outrossim, referências em fontes da época colocavam-nas como mulheres de classe alta, desconsiderando, por exemplo, a participação de mulheres na Legião Negra. Nos termos da autora, de modo parecido com o ocorrido sob a égide do fascismo na Itália, "o movimento glorificava a Mulher Paulista e exaltava-a como a única de fato moderna...ao mesmo tempo conservando [...] ideais tradicionais" acerca da sua posição em

sociedade (WEINSTEIN, 2022, p. 342). Esse debate sobre o papel das mulheres e a insistência em um perfil de classe social abastada também já foi discutido em outros contextos no que diz respeito à cidade de São Paulo. Vânia Carneiro de Carvalho (2008) discute aspectos de gênero e feminidade na decoração e na arquitetura paulistas das primeiras décadas do século XX, inclusive em anos que precederam imediatamente os eventos de 1932. Apesar de certas modernizações em questões como vestuário, as fontes históricas da época retratam as mulheres abastadas de forma frágil, com poses delicadas, raramente portando objetos, senão leques e outros instrumentos associados ao papel de gênero feminino (CARVALHO, 2008, p. 230-232). Daí a relação com a exaltação da participação feminina nos eventos de 1932 discutida por Weinstein (2022). Uma exaltação que, ao mesmo tempo que comemorava uma participação feminina, também reforçava certos estereótipos de gênero, além de enfatizar as classes mais abastadas em detrimento de grupos subalternos.

O quinto capítulo (WEINSTEIN, 2022, p. 343-386) traz uma interessante discussão sobre a reação de personagens de outras regiões à empreitada paulista. Aqui, Weinstein cita a influente obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr. sobre a construção do Nordeste enquanto região. A autora aponta divergir com Albuquerque apenas em um aspecto: Weinstein rejeita a noção de uma competição entre regiões, salvo no terreno literário, uma vez que, para a elite paulista, São Paulo reinava, sem discussões (WEINSTEIN, 2022, p. 344). Se o discurso paulista de fato se fundava em uma imagem do Nordeste como antagônico e atrasado, Weinstein, novamente citando Albuquerque, pontua a participação de autores nordestinos na construção de um imaginário desta última região como singular. Weinstein cita, por exemplo, Gilberto Freyre e suas colocações no *Manifesto Regionalista*, bem como o papel da imprensa do Nordeste nessa discussão. Jornais como *O Povo* (Pernambuco), *O Imparcial* (Maranhão) e o *Diário de Pernambuco* favoreciam uma rivalidade norte-sul. Este último

publicou artigos do carioca Azevedo Amaral, que sugerem uma interessante perspectiva sobre a questão racial no Brasil (WEINSTEIN, 2022, p. 371-372). Em suas peças, o autor criticou o discurso racial como algo inerentemente racista. Sob essa perspectiva, a classificação em raças seria o problema. O mesmo autor também questionou a política de imigração, colocando-a como óbice a uma coesão nacional (WEINSTEIN, 2022, p. 372). O capítulo fornece uma rica análise de fontes primárias de localidades fora do estado de São Paulo, as quais demonstram um candente debate sobre o papel das regiões no Brasil.

Como exposto acima, a influência de Durval Muniz de Albuquerque Jr. é inquestionável na obra de Weinstein, não apenas em razão da sua citação direta no quinto capítulo, como também em razão da discussão sobre formações de regiões. Albuquerque Jr. nos lembra que regiões são construídas e, no caso do Nordeste, tal construção se consolidou muito recentemente, já no século XX. Weinstein enfatiza muito o diálogo entre regiões, rejeitando a noção de uma disputa, já que as elites paulistas se viam como superiores (e, portanto, indispostas a "debater"). Contudo, a obra de Albuquerque Jr. também entra em outros aspectos, notadamente em uma discussão sobre "autenticidade", que balizou a valorização do Nordeste como uma região supostamente parada no tempo. Para o autor, tal noção passou a circular no imaginário de diversos autores. Luís da Câmara Cascudo, entre eles, valorizava o folclore do Nordeste, que para ele ecoava uma região autêntica com contornos pré-capitalistas, fomentando uma noção "antimoderna" (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 47). O autor afirma que essa noção de um Nordeste tradicional pode ser inferida a partir das obras de diversos autores, ainda que sua produção difira entre eles: a escola de Gilberto Freyre, que abarcou, nas décadas de 1920 e 1930, José Lins do Rego e Ascenso Ferreira; a música de Luiz Gonzaga, Zé Dantas e Humberto Teixeira na década de 1940; peças teatrais de Ariano Suassuna nos anos 1950; além de outros artistas, cujas obras também englobavam a ideia de um Nordeste tradicional (Cícero Dias, Lula Cardoso

Ayres, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz e José Américo de Queiroz) (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 47). Albuquerque Jr. (2014) destaca o processo de incorporação de uma história nacional a uma identidade regional ahistórica, por vezes permeada de estereótipos regionais (ALBUQUERQUE JR., 2014, p. 48). Apesar de distinto tal processo, o autor também sublinha como a formação de uma identidade regional pressupõe um alcance nacional, o que também é debatido por Weinstein no caso paulista.

De volta ao livro de Weinstein, o sexto capítulo (WEINSTEIN, 2022, p. 389-465) analisa as comemorações do Quarto Centenário, duas décadas após o levante paulista, bem como as transformações ocorridas no Brasil entre os anos 1930 e a década de 1950. Weinstein faz observações pertinentes sobre transformações ocorridas dentro desse lapso temporal. Vargas, a quem se opôs a Causa Paulista, ao beneficiar o desenvolvimento da indústria nacional, acabou por favorecer o crescimento de regiões já estabelecidas, tendo São Paulo passado a responder a 56% da produção industrial brasileira no final da década de 1950 (WEINSTEIN, 2022, p. 391). A Segunda Guerra Mundial, cujos efeitos sobre a circulação de bens afetaram o fluxo de comércio internacional brasileiro, acabaram por incentivar a produção local, acelerando processos migratórios internos, particularmente para grandes cidades como São Paulo (WEINSTEIN, 2022, p. 393-394).

Citando a obra de Paulo Fontes, *Um Nordeste em São Paulo*, Weinstein destaca a consolidação de um sentimento anti-nordestino na capital paulista, que se espalhava por vários setores da vida cotidiana (WEINSTEIN, 2022, p. 396-397). Em uma análise conjunta de Fontes e de um estudo de Carolina Martuscelli datado de 1950, Weinstein conclui que o preconceito contra nordestinos era tão abrangente, que englobava também classes mais baixas, especialmente trabalhadores de origem europeia (WEINSTEIN, 2022, p. 401). Ainda dentro da discussão sobre discriminação, Weinstein analisa a expansão da mídia nesse período. Mais pessoas passaram a ter acesso ao rádio, ao cinema, bem como a outros veículos.

Porém, em vez de se dissipar, o regionalismo ganhou força, sendo um caso interessante em que a diversidade torna-se estímulo para o preconceito (WEINSTEIN, 2022, p. 405).

Após essas considerações iniciais, o capítulo adentra as comemorações em si. Weinstein dá especial destaque à questão de classe atrelada a estas, simbolizada pela inauguração de um "Central Park" paulista (Ibirapuera) cujo acesso às classes dispostas de veículos automotores era muito mais fácil (WEINSTEIN, 2022, p. 409). A comissão organizadora objetivou projetar São Paulo como uma capital cultural, tendo Matarazzo Sobrinho tido papel especial nessa empreitada. Ações no setor de cultura incluíram exposições (inclusive a Bienal), teatro, balé, congressos científicos e culturais, Museu de Cera, esportes, festas populares, exposições sobre história, além de eventos atrelados ao folclore. Muitas dessas comemorações, como sinaliza a análise de Weinstein, tinham maior penetração entre classes mais abastadas. Contudo, houve, sim, um esforço, por ora tenso, para incluir festividades populares e folclóricas no repertório das celebrações. Curiosamente, apesar da ênfase em uma modernidade paulista cosmopolita – vide a exposição de Picasso – tiveram destaque dentre os "populares" artistas vindos do Rio de Janeiro. Weinstein cita o sucesso da participação da Portela, bem como o Festival Velha Guarda, que teve como expoentes Pixinguinha, Donga, João da Bahiana e Benedicto Lacerda - figuras que deram uma ênfase à negritude e um destaque ao Rio de Janeiro (WEINSTEIN, 2022, p. 435). Talvez o momento mais contraditório e *kitsch* das celebrações tenha sido a "chuva de prata" que lançou papéis de alumínio sobre algo em torno de 300 mil a um milhão de pessoas que estavam no Anhangabaú, com o auxílio de alguns aviões da Força Aérea Brasileira (WEINSTEIN, 2022, p. 442-443). O capítulo, em suma, indica as variadas expectativas sobre as comemorações, bem como acontecimentos que acabaram por dominar o imaginário de gerações e que não foram adstri-tos às preferências das classes mais abastadas.

Passando ao oitavo capítulo do livro, Weinstein

retoma algumas discussões anteriores sobre a relação entre as elites paulistas e Vargas, após os eventos de 1932, retomando, também a discussão sobre a memória de 1932 a partir do vigésimo-quinto aniversário da revolta (1957). Weinstein sublinha que adeptos da Causa Paulista sustentaram que sua causa não havia sido em vão e que Vargas havia feito algumas concessões, como a abertura do caminho para uma nova constituição e a indicação de Armando de Salles Oliveira ("paulista e civil") como interventor (WEINSTEIN, 2022, p. 518). Contudo, com a emergência do Estado Novo em 1937, essa perspectiva otimista deu espaço a maiores ansiedades, especialmente com as várias manifestações radicais de Vargas contra a regionalidade política, notadamente a queima das bandeiras de estados em localidade pública, no Rio de Janeiro. Ainda assim, Weinstein sublinha como alguns segmentos da sociedade paulista "buscaram um *modus vivendi* com o regime autoritário", notadamente figuras associadas à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) (WEINSTEIN, 2022, p. 530).

Weinstein analisa os anos subsequentes, bem como o retorno de Vargas à presidência pela via democrática e seu suicídio em 1954. O contexto de 1957 contribuiu para o uso frequente do termo "democracia", que passou a identificar a revolta de 1932 no que diz respeito à sua memória. Para alguns, o governo de Juscelino Kubistchek sinalizava a modernidade e o alargamento de frentes de organização civil (sindicatos, por exemplo); para outros, ecoava uma perspectiva insuficientemente liberal (WEINSTEIN, 2022, p. 550-551). Esse contexto de democracia em discussão, por sua vez, favorecia a comemoração de 1932 como um evento importante, mesmo para aqueles que não eram de São Paulo. A autora cita, por exemplo, artigo do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, que deixou de lado controvérsias partidário-ideológicas para sublinhar, nos termos da autora, "a sinceridade do povo que arriscara a vida por uma causa" (WEINSTEIN, 2022, p. 551). Já o Estadão comemorou a participação de militares americanos em desfile celebratório, enfatizando a colaboração entre os dois países acerca de

uma causa democrática (WEINSTEIN, 2022, p. 559). Em outras palavras, as fontes analisadas por Weinstein demonstram, de forma convincente, como um movimento originariamente provinciano (mas com ambições nacionais) ganhou, ao longo dos anos, uma interpretação diferente, ligada a questões democráticas e despida de disputas regionais ou federalistas. Contudo, as perspectivas eram diferentes no que diz respeito ao estado da democracia brasileira. Adhemar de Barros e Kubistchek celebravam-na como algo alcançado, enquanto a UDN e o Estadão viam um certo fracasso de 1932 ao comemorarem os vinte e cinco anos da revolta em 1957 (WEINSTEIN, 2022, p. 565). A política de memória, como sinaliza o capítulo, não é uniforme.

A discussão sobre memória contida no capítulo oito, mas que também atravessa outras partes do livro, motiva reflexões sobre outros contextos. Weinstein explora a influência de ideologias de supremacia branca na "história oficial" paulista, que sugerem uma superioridade do estado em relação a outras partes do país, sobretudo em relação às regiões Norte e Nordeste. O processo de imigração europeia favorecido pelo Brasil como forma de embranquecer o país está no núcleo desse pensamento. Esse favorecimento, por sua vez, já foi discutido por diversos autores. Lília Schwarcz, por exemplo, discute a prevalência de noções eugênicas no Brasil, sublinhando a necessidade de se considerar a real influência desse pensamento e suas implicações, inclusive em termos de políticas públicas adotadas preteritamente no Brasil (SCHWARCZ, 1993; SCHWARCZ, 2012).

Com relação a uma localidade específica no estado de São Paulo, Santa Bárbara d'Oeste, o trabalho mais recente de Jordan Brasher (2019) analisa a memória dos imigrantes estadunidenses que se mudaram do Sul Confederado para o Brasil. As comemorações relativas a tal comunidade têm alcançado outros contornos recentemente, diante das discussões globais sobre racismo, que no caso dos Estados Unidos têm questionado a presença de símbolos do Sul escravista, notadamente a bandeira confederada, em espaços

públicos. No Brasil, a presença da referida bandeira em Santa Bárbara d'Oeste tem motivado protestos de movimentos sociais negros, diante do culto a um símbolo intrinsecamente ligado à escravidão e a noções de supremacia branca. A obra de Weinstein, portanto, pode ser analisada conjuntamente com outros trabalhos, diante da discussão sobre formação de identidades regionais, na qual a obra se situa.

### Considerações finais

A obra de Weinstein tece importantes considerações sobre a formação da identidade paulista e sua relação com o restante do Brasil. Ao abordar temas como raça, gênero e classe social, o livro demonstra como o culto à imagem de São Paulo como "locomotiva do Brasil" precisa ser historicizado e compreendido como um fenômeno com muitas repercussões. O papel da imigração europeia e a desvalorização de pessoas negras e indígenas nesse discurso pode ser visto nos debates e na memória cultivada acerca da Revolta de 1932. As representações das mulheres, por exemplo, como figuras abastadas e de famílias "tradicionais" em muito contrastam com a real participação feminina em 1932, que foi bastante variada. Weinstein comenta, por exemplo, a participação de mulheres negras nos eventos daquele ano; participação essa que levanta questões interessantes sobre o papel da mulher em um evento comumente associado às elites paulistas inconformadas com a centralização do poder oriunda da ascensão de Vargas.

A discussão trazida pelo livro, como aduzido acima, guarda relação com debates mais amplos presentes na literatura acadêmica. Nos últimos anos temos observado um candente debate sobre a representatividade negra no Brasil, que também inclui discussões sobre o ensino da história, além de uma revisão sobre a memória de eventos históricos, que muitas vezes reduz a importância de sujeitos não europeus na construção da identidade regional, bem como de identidades regionais. Neste bojo, a análise de Weinstein ganha relevo ao pontuar como a identidade do estado mais populoso do País tem forte ligação com noções de superioridade europeia,

que se perpetuam em conversas cotidianas sobre progresso, crescimento econômico, dentre outros fatores.

### Referências

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *The Invention of the Brazilian Northeast*. Durham: University of North Carolina Press, 2014. (Latin America in Translation / En Traducción/Em Tradução).

ARAUJO, Ana Lucia. Transnational Memory of Slave Merchants: Making the Perpetrators Visible in the Public Space. In: ARAÚJO, Ana Lucia (org.). *Politics of Memory: Making Slavery Visible in the Public Space*. Nova York: Routledge, 2012. p. 15-34.

BRASHER, Jordan. Contesting the Confederacy: Mobile Memory and the Making of Black Geographies in Brazil. *FOCUS on Geography*, [S. l.], v. 62, 2019. Disponível em: [http://www.focusongeography.org/publications/articles/brazil\\_confederacy/index.html](http://www.focusongeography.org/publications/articles/brazil_confederacy/index.html). Acesso em: 1 ago. 2022.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material: São Paulo, 1870-1920*. São Paulo, SP, Brasil: EDUSP, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo, SP: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.

WEINSTEIN, Barbara. *A Cor da Modernidade: A branquitude e a formação da identidade paulista*. São Paulo: EDUSP, 2022.

---

### João Gabriel Rabello Sodré

Mestre em Políticas Públicas em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro, RJ, Brasil, e em Estudos Globais pela Universidade da Califórnia (UCSB), em Santa Bárbara, Estados Unidos. Doutorando em História pela Georgetown University (GU), em Washington, D.C., Estados Unidos.

---

### Endereço para correspondência

João Gabriel Rabello Sodré  
 Georgetown University  
 Department of History, ICC, Sixth Floor  
 3700 O St NW, Washington, DC 20057  
 Estados Unidos da América

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*